

# O banquete

Ercília Macedo- Eckel

O feio está em completa

desarmonia com o divino.  
Diotima- Personagem de Platão.

Enviei previamente a garrafa de champanhe de marca padronizada para a sessão comemorativa, conforme cartão-convite. A bebida deveria estar gelada na hora da festa. Fui pontual. Não cheguei meia hora antes, nem 15 minutos depois do horário marcado. A presidente tomou seu lugar à mesa e abriu os festejos com as seguintes palavras:

\_ Antigamente, quando havia pessoas de fora, a mesa de refeição era ocupada apenas por homens. A dona da casa e outras mulheres se mantinham à distância. Nas cidades maiores, porém, reuniam-se as famílias, fazia-se a oração de agradecimento, seguida de silêncio, quebrado apenas pelo movimento dos talheres nos pratos e travessas – ou por algum assunto respeitoso.

\_ Sra. presidente Helena Schmidt disse bem, no começo de sua fala: Antigamente, antes de aparecer o garfo no séc.XVIII. Porque nessa mesa somos todas mulheres, servidas por garçons orientados por exímio chefe de cozinha; fazemos uso de garfos de prata, brilhantes de sabedoria e de intelectualidade. Sem (re)banhos Kings ou Queens, aceitos por alguns colecionadores de pouca informação e mediano saber.

\_ Sra. Argêntea, suas mãos começaram a escurecer, estão mareando com esse discurso. Interrompeu a Executiva que não gosta de ser contradita, ao exhibir sua pseudocompetência e que, involuntariamente, derramou sal sobre a toalha da ceia. E, de imediato, foi acometida por uma crise de soluços. Dra. Cury sugeriu-lhe prender a respiração e gargarejar no lavabo. Passado o quiproquó, sra. Argêntea justificou seu marear:

\_ Deve haver conspiração contra mim e, como nos contos tradicionais, minhas mãos e, agora, meu garfo começaram a oxidar. Porém não me sinto ameaçada. E, retirando da bolsa um espelhinho em forma de coração, acrescentou: Voltando esta face polida para mim, meu corpo sairá da obscuridade, juntamente com as pessoas e os objetos que me cercam.

Nesse momento sra. Branca Pozzani entrega à presidente, para ser desvendada entre fitas, uma peça de porcelana legítima recém-chegada de Paris. Gentileza da primeira dama Carla Bruni-Sarkozy.

\_ Mas o que é peça? O que é porcelana legítima? Inquiriu sra. Maria Porto Ferreira. Conhecida como Maria dos Peixinhos. E completou: Intelectuais, pesquisadoras e comensais de cultura! Em qualquer projeto é preciso definir bem os termos do problema, saber o que a coisa é realmente, para que as hipóteses não sejam rejeitadas por causa da ambiguidade de interpretação, inclusive por parte da entidade que recebe tal projeto.

\_ Sra. Maria Porto Ferreira, interrompeu viúva Socrática Oxford: As coisas não são. Esta peça branca de porcelana, por exemplo, não é totalmente branca. É quase branca. Tampouco é totalmente porcelana. É quase porcelana. Tem na massa de sua composição: 10% de argila, 40% de caulim, 25% feldspato e 25% de quartzo. A seguir a viúva Oxford fez rápido histórico da cerâmica no mundo, passando pela China, países da Europa, até chegar ao Brasil de nossos dias.

Que quer dizer isso? Perguntou dra. Benedixt Cury.

\_ Creio estar preparada para lhe responder: Negamos a brancura absoluta da porcelana e evidenciamos a mistura de sua composição, as alterações nos vernizes e nas cópias. De onde inferimos que o ser verdadeiro não está nas coisas, nas sombras, mas fora delas. Está nas ideias, está dentro de mim e dentro de todas nós. Está também no amor espiritual e na beleza divina. Asseverou sra. Socrática Oxford. De repente ouvem-se risadas, gargalhadas demolidoras, fora dos padrões da civilidade e do bom senso.

\_ Aqui, nesta mesa, há duas comensais dadas a esse péssimo comportamento. Isso não convém a gente de nossa categoria e que se serve em mesa vestida de linho português. Pensou a flautista Lucy Zona D. e Silva, mas não abriu a boca, nem fez gesto de desaprovação. Outras mais que se sentiram atingidas com esse riso exacerbado não reagiram a sério, nem se denunciaram. Assim, todas nós naquele momento aceitamos as gargalhadas como o mais eloquente discurso. Posteriormente, porém, não soubemos qualificá-lo. E cada uma sugeria classificação diferente, conforme sentira o riso: agressivo, vingativo, cínico, crítico, etc. Ninguém se lembrou do riso espontâneo.

\_ Vamos esquecer essas risadas demolidoras e voltar ao diálogo sério. Intervém sra. Diamond Oriente Nobre. E continuou: Exatamente por esses nossos papos-cabeça e essa nossa aparência (realidade encoberta) é que nos vemos sentadas na torre de marfim do orgulho, do elitismo e do isolamento. Nos julgamos desvinculadas do mundo prático e do dia-a-dia das pessoas comuns. Pensamos que vivemos num espaço metafísico de solidão artístico-literária. Enganam-se. Temos bom gosto, apreciamos o belo, é verdade; entretanto nos comunicamos leiga e satisfatoriamente com quem está fora do mundo acadêmico e intelectual. Não vivemos isoladas do povo. Concluiu sra. Diamond.

\_ Convém destacar, ainda, que a cultura elitista está banalizada nos meios de comunicação de massa, inclusive na propaganda. Vejam, por exemplo, o sorriso leve e misterioso de Mona Lisa, hoje desgastada, sem aura. Leonardo da Vinci iria descabelar-se ao ver sua tela recriada com bigode-de-arame pelas ruas da cidade e nos cadernos escolares. É amigas, não existe passe de mágica capaz de transformar ignorância em cultura, diria o artista plástico Enrico Bianco. Comenta Narcisa Faiança.

\_ Ai! Exclama sra. Helena Schimidt. Acaba de cair em meu colo uma gota escaldante. Veio da terrina de cristal Saint-Louis, que está no centro da mesa. Pode ser um sinal, minhas convidadas. Terrina no francês antigo é graal. E em torno dela nos assentamos nesta mesa para nos alimentar. Não só materialmente, mas sobretudo, espiritualmente. Como na Távola Redonda, devemos buscar com entusiasmo nossa plenitude, nosso tesouro interior, apesar da dura realidade e da cegueira espiritual contra as quais lutamos. Com essas palavras nossa presidente encerrou o banquete. E, já se retirando da mesa, nos alertou sobre a importância do escudo e da espada invisíveis, dos quais não devemos nos afastar, nessa comunidade de gêneros diferentes e de cultura que banaliza e polui o senso estético.

\* \* \*

Bebemos pouco na solenidade. Algumas saíram dirigindo seus próprios carros, outras se retiraram ao lado de seus motoristas. Viúva Socrática passou na livraria de sempre, outras foram ao shopping ou ao cinema. Eu, por ser a 13ª senhora da mesa, elegeram-me portadora da palavra das doze Belas Acordadas. Então fui para casa rascunhar esse texto. E repousei.

Ercília Macedo-Eckelé membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sócia da União Brasileira de Escritores – GO e da Academia Petropolitana de Letras – RJ. Mestre em Letras pela UFG.